

# Política Trabalhista

MANOEL GROTT

Com precisa propriedade dos termos e dos textos, acaba de sair do prelo o livro **Política Trabalhista**.

Para apreendê-lo, no todo e no espírito que encerra, não se faz mister ter lido um tratado de hermenêutica. Caracterizam-no clareza e simplicidade. Foi escrito para tôdas as altitudes intelectuais.

Sem aparatos pomposos de erudição, sem exaustiva biografia, **Política Trabalhista** é, ao mesmo tempo, uma análise e um anátema às injustiças da sociedade contemporânea. Por isso que, sendo uma coletânea para os técnicos, é-o, também, para os que não tiveram oportunidade de transpor o peristilo das universidades.

É seu autor Dr. Mário Lima Santos, cujos méritos intelectuais já o distanciaram da vulgaridade dos homens. Causídico de vastos recursos, orador fluente, Dr. Lima Santos não se limita ao **métier** de sua profissão. Anda, sempre, à frente das iniciativas que esboçam as perspectivas do futuro de Ponta Grossa. Não se trata de um trabalho volumoso, é certo. Pode ser folheado e lido em poucas horas. Sem infringir os princípios da matemática, não se mede o tamanho de um livro pelo número de páginas ou pelo seu volume, antes, pela pureza dos conceitos e intuits nele contidos. Feito êste exórdio dispensável, pesquizeemos a gênese e o espírito de **Política Trabalhista**.

O vocábulo trabalhista, modernamente, foge da sematologia inserida nos dicionários: "Passou a ter uma nova significação: ideologia social, à procura do equilíbrio entre o trabalho e capital. Aquele que trabalha com intuito exclusivo da obtenção do teto e do pão, sem ideal coletivo, não é, na acepção filosófica do termo, um adepto do trabalhismo, apenas, um homem que produz egoisticamente, para si e para os seus. Assim, parece, insidimos no pensamento do autor de **Política Trabalhista**.

Orientado o cérebro do homem no sentido do Bem e da Justiça, certo resplenderá um mundo melhor, sem dissídios, sem lutas, mais iluminado, mais espiritualizado. O termo trabalho implica, em si, direito e sociologia, porque o seu campo de aplicação é, precisamente, a sociedade humana. Trabalho é uma função social, uma obrigação dos seres que vivem em comunidade. A vida

das abelhas e das formigas são um exemplo e uma lição para os homens. As abelhas chegam à perfeição de fabricar um alimento especial para o Zangão, que tem o encargo da proliferação de 2000 descendentes por dia. O mel real está sendo aproveitado em injeções, para a cura de várias doenças e, pensam alguns médicos, resolverá o problema da nossa espécie.

Admitimos uma só modalidade de forças, variando, apenas, as suas características. Para o físico força é a causa capaz de mudar o estado de um corpo em relação ao espaço: **fazê-lo mover-se, quando parado, parar, quando em, movimento ou, ainda, acelerar ou, retardar seus movimentos.** Não é uma definição perfeita porque exclue o estado de equilíbrio ou estático. Tôda espécie de trabalho é uma força. A recíproca, porém, não é verdadeira. O ciclone é uma força, mas não é trabalho porque carece-lhe a ação construtiva e útil. Antes, a negativa de esforço produtivo. O nosso operário tem um conceito muito restrito do fenômeno trabalho, pois só considera trabalhista àquele que tem as mãos calejadas. Esforço intelectual e físico andam geminados, lutando pelo mesmo objetivo: perfeição do homem, da sociedade e do mundo. Procuremos, já é muito, entre ambos, a equidade do equilíbrio. Sobreviveria, acaso, uma sociedade, onde predominasse uma só modalidade de trabalho é uma força. A recíproca, porém, não é evidência de um postulado. Citemos um exemplo vivo do que é trabalho mental. Focalizemos o sábio Guérin. A imprensa francesa diz que o notável filósofo é uma espécie de santo e os norte-americanos citam-no como um dos maiores homens vivos. Há poucos meses, médicos franceses, especialistas em tuberculose, recebiam, em Paris, uma delegação de colegas britânicos. Para solenizar o conclave, prometeram um banquete num dos restaurantes da Torre Eiffel. O ponto culminante da solenidade seria a presença de Guérin. Êste, para assistí-la, viajou, numa noite de frio, num carro de terceira classe, por falta de recursos monetários. Pelo esforço de uma noite de vigília, adoeceu ligeiramente e não pode comparecer ao banquete, onde seria a figura principal. E seria, se o quizesse, diz a revista "Paris", um grande milionário, entretanto, é um quasi asilado do Instituto  
(Cont. na página 18)